



Ministério da  
**Cultura**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO  
CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO  
NORDESTE**

**FLÁVIA BEZERRA CHASAN**

**GRUPOS DE BUMBA-MEU-BOI DE MACEIÓ**

Olinda  
2014

**FLÁVIA BEZERRA CHASAN**

**GRUPOS DE BUMBA-MEU-BOI DE MACEIÓ**

Monografia apresentada ao Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco e o Ministério da Cultura, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Miguez de Oliveira  
Co-orientador: Prof. Msc. Bruno César Cavalcanti

Olinda  
2014

**FLÁVIA BEZERRA CHASAN**

**GRUPOS DE BUMBA-MEU-BOI DE MACEIÓ**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 27 de novembro de 2014.

**Banca examinadora**

Prof. Dr. Paulo César Miguez de Oliveira  
Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA.

Dr. Allan Rodrigo Arantes Monteiro  
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os que me encorajaram e apoiaram na realização desta pós-graduação e deste trabalho, especialmente aos colegas da Fundação Municipal de Ação Cultural de Maceió pelo apoio, durante minhas ausências para participar das aulas presenciais. A equipe de coordenação do curso e demais envolvidos na realização deste trabalho, pelo incentivo durante o período letivo. Ao professor Paulo Miguez, orientador deste estudo, por seu apoio constante e entusiasmo ao longo do curso, e ao professor Bruno César Cavalcanti, como co-orientador, por me fazer acreditar que é possível, com dedicação, cumprir todas as metas que estabelecemos em nossas vidas. A todos os colegas que, direta e indiretamente, contribuíram com o resultado deste trabalho.

CHASAN, Flávia Bezerra.. **Título:** Grupos de Bumba-meu-boi de Maceió. (52) p. il. 2014. Monografia (Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

## **RESUMO**

Apresentamos elementos históricos e culturais a respeito da presença do Bumba-meu-boi no Brasil, folguedo proveniente do ‘Velho Continente’ no período da colonização e que se desenvolveu até nossos dias, compondo entre as formas culturais populares e tradicionais de Maceió. A partir daí, demonstramos e comentamos o trabalho que vem sendo desenvolvido pela administração municipal da capital alagoana, em torno das políticas públicas aplicadas a esse segmento a que estão vinculados os brincantes do Bumba-meu-boi e buscamos apontar na direção de uma possível gestão cultural que atenda expectativas deste universo sociocultural.

**Palavras-chave:** Bumba-meu-boi, tradições populares, política cultural.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	Alagoas
CAP	Centro de Apoio Psicossocial
DTIC	Diretoria de Tecnologia da Informação e Difusão Cultural da FMAC
FMAC	Fundação Municipal de Ação Cultural de Maceió
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional
MINC	Ministério da Cultura
RA	Região Administrativa
RAs	Regiões Administrativas
SECULT-AL	Secretaria Executiva de Cultura de Alagoas
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UNEAL	Universidade Estadual de Alagoas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>HISTÓRICO DOS GRUPOS DE BUMBA-MEU-BOI DE MACEIÓ</b>	<b>10</b>
<b>2.1</b>	<b>ELEMENTOS SOBRE A ORIGEM DO BUMBA-MEU-BOI NO BRASIL</b>	<b>10</b>
<b>2.2</b>	<b>PARTICULARIDADES DO BUMBA-MEU-BOI EM MACEIÓ</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>O BUMBA-MEU-BOI E AS AÇÕES CULTURAIS</b>	<b>20</b>
<b>3.1</b>	<b>FESTIVAL DE BUMBA-MEU-BOI DE MACEIÓ</b>	<b>20</b>
<b>3.2</b>	<b>OS GRUPOS DE BUMBA-MEU-BOI NO MAPA CULTURAL DE MACEIÓ</b>	<b>24</b>
<b>4</b>	<b>GESTÃO CULTURAL EM TORNO DOS ‘BOIS’ DE MACEIÓ</b>	<b>31</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>36</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>38</b>
<b>7</b>	<b>ANEXOS</b>	<b>41</b>
	<b>ANEXO I – Fotografia dos primeiros Festivais de Bumba-meu-boi de Maceió</b>	<b>42</b>
	<b>ANEXO II - Fotografias do 22º Festival de Bumba-meu-boi de Maceió</b>	<b>44</b>
	<b>ANEXO III – Entrevista com Luis de Barros</b>	<b>47</b>
	<b>ANEXO IV – Entrevista com Eugênio Vilela</b>	<b>50</b>

# 1

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste apresenta o resultado de estudos realizados ao longo do período letivo do ano de 2014, tendo como foco principal o desenvolvimento de políticas públicas, com acento na valorização dos folguedos populares, mais especificamente no que respeita aos grupos de Bumba-meu-boi sediados em Maceió, capital de Alagoas, onde acontece anualmente um Festival de Bumba-meu-boi que colaborou enormemente na atual popularidade dessa expressão cultural.

A inicial pretensão de realizar um estudo sobre o folguedo popular dos Bois surgiu quando conheci, em Maceió, o festival dos bois. É talvez o evento público e gratuito mais popular, nesse segmento tradicional, que agrega o maior número de plateia da cidade, com torcidas organizadas e isoladas ou admiradores do folguedo, além de turistas. Estes, podemos dizer, se deparam com algo simplesmente inusitado, ao observarem o volume das coreografias, os enredos, as músicas, as personagens e, principalmente, o número de espectadores. O público se aglomera para assistir as apresentações durante os dois dias de espetáculos do Festival, que acontece todos os anos na capital alagoana.

Começamos pela discussão em torno do desenvolvimento histórico desses Bumbas, que ocorreu no início da colonização brasileira, numa trajetória de transformações que se estendeu até os dias atuais. Há certamente similaridades do Bumba-meu-boi alagoano com alguns dos existentes em outras localidades do Brasil, mas também temos elementos de diferenciação e mesmo certa identidade local desse folguedo ou, pelo menos, uma identificação que revela essa diferença em relação aos modos como se manifestam em várias regiões e municípios brasileiros.

Percebemos, no entanto, que os participantes deste folguedo tradicional de Maceió se ressentem da falta de ações educativas, que possam agregar novos valores ao cotidiano dos grupos de Bumba-meu-boi, ajudar em sua melhor aceitação e reconhecimento na sociedade local e desenvolver, entre seus participantes, um maior sentimento e pertencimento em torno dessa manifestação cultural por meio de medidas, reflexões e ações voltadas para favorecer o desenvolvimento futuro de políticas culturais específicas que colaborem para isso. Uma delas,



certamente, deve se ocupar de buscar aumentar o leque de indivíduos capazes de tomar conhecimento sobre as características artístico-culturais, sociais e históricas dos bois e agir em sobre a realidade deles. Essa é a razão pela qual serão tratadas nesse trabalho características de descrição da evolução dos bois até o modo como se apresentam na atualidade, as medidas de apoio ao seu crescimento, como foi o caso da criação de um evento competitivo entre eles, como são exemplos, também, os convites que incluem apresentações de bois em contextos lúdicos e festivos de várias cidades, o que incluem as festas, mas, também, as atividades de lazer e as apresentações em eventos variados. Os brincantes, geralmente, mencionam a falta de oportunidades para apresentações regulares como um fator negativo.

Ao final deste trabalho são levantadas proposições em torno das políticas públicas, no sentido do fortalecimento dos grupos representativos dessas culturas populares tradicionais, particularmente do Bumba-meu-boi de Maceió. Trata-se de um desafio para os gestores culturais da cidade, o de transpor uma história de exclusão e de preconceito institucionalizado com relação aos segmentos das culturas populares e tentar dar continuidade a iniciativas, programas ou atividades em andamento no âmbito local, que nos parecem positivas para esse objetivo. Tudo isso, no entanto, considerando-se as dificuldades reais da gestão pública na matéria diante de um quadro funcional tão flutuante nos órgãos vocacionados para a concepção e a gestão cultural, seja em Maceió, seja em Alagoas.

A metodologia utilizada no estudo incluiu procedimentos diversos: pesquisa de campo através de nossas observações, especialmente por ocasião do festival dos Bumba-meu-boi e de outras apresentações avulsas, de conversas informais com agentes e brincantes do Bumba-meu-boi (mas também incluindo entrevistas com gestores culturais, pesquisadores locais e com mestres de 'Bois' que atuam com seus grupos de Bumba-meu-boi em Maceió); um pouco de pesquisa documental e bibliográfica também foi realizada, para a revisão de aspectos históricos dessa manifestação, além de uma coleta de dados junto à "Cartografia Cultural de Maceió", trabalho em andamento na Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC/Prefeitura de Maceió). O festival do Bumba-meu-boi é uma iniciativa pioneira que aponta para possibilidades futuras em projetos de gestão cultural envolvendo esta manifestação; do mesmo modo, que a presença de grupos de Bumba-meu-boi na cartografia cultural, em elaboração na FMAC, colabora com a visibilidade local para os grupos.

## HISTÓRICO DOS GRUPOS DE BUMBA-MEU-BOI DE MACEIÓ

### 2.1 Elementos sobre a origem do Bumba-meu-boi no Brasil

Há diferentes influências na formação do folguedo popular do Bumba-meu-boi, até chegar a sua atual contextualização, nas diferentes regiões brasileiras, segundo Abelardo Duarte no livro *Folclore Negro das Alagoas*. Este autor sugere que, no Nordeste, o folguedo estaria relacionado aos hábitos e ao cotidiano dos engenhos de cana-de-açúcar do início da colonização brasileira. Para o folclorista e radialista Ranilson França (2000), a origem do Bumba-meu-boi estaria relacionada ao teatro popular improvisado, inspirado na *Commedia dell'arte*, de origem italiana, do século XV, onde era possível observar, por meio de roteiros simples, a arte do improviso e o intercâmbio com o público.

A grande maioria dos folguedos populares tem sua origem nas raízes das tradições e cultos religiosos, segundo estudiosos da matéria (Abelardo Duarte, Luis Câmara Cascudo); e com o Bumba-meu-boi, não seria diferente. No Brasil, sua existência data do período da colonização, durante o intenso processo de catequese indígena, por ocasião da chegada das missões jesuíticas, em que as festas religiosas misturavam-se com as profanas – populares, com a intenção de atrair, conquistar e catequizar a população local.

A vinculação entre a religiosidade portuguesa e as festas populares criou, no Brasil, um elo entre a vida religiosa e profana, onde coreógrafos, dançantes e músicos acompanhavam as missas campais, procissões e os autos religiosos (similares às peças teatrais, muitas vezes de improviso).

Noutras ocasiões, em eventos portugueses semelhantes às touradas, animais da mesma espécie se apresentavam. Talvez, venha daí, o movimento dos bois, de avançar para a

multidão e para os vaqueiros durante a dança. Ainda em Portugal, as tradicionais ‘Festas do Minho’ apontam outra origem peninsular ao folguedo do Bumba-meu-boi<sup>1</sup>.

Segundo Abelardo Duarte, o Frei Domingos Vieira, em Portugal, afirmara que:

As festas públicas não se criaram espontaneamente, foram decretadas, como a procissão de *Corpus-Cristi*, ordenada por D. João II”. Almeida, descreve em seu Dicionário Abreviado de Chorographia, autos de danças populares portuguesas, relacionados às festas da Senhora da Assunção: a Dança das Donzelas, a Dança dos Espingardeiros e a Dança dos Pretos. Esta última, a Dança dos Pretos, descrita com detalhes. Duarte diz que “de tal modo ficou marcado que nessa ‘Dança’ se tem talvez a matriz dos folguedos, tendo por motivo o negro. Folguedos que se introduziram no Brasil colonial, chegaram até aos nossos dias, sofrendo os efeitos do dinamismo cultural, do sincretismo e das formas diversas de assimilação dos hábitos e costumes estranhos<sup>2</sup>.

Já Carvalho, relaciona o Bumba-meu-boi

entre os folguedos mais comuns e arraigados na tradição popular, figura o Bumba-meu-boi, que supomos de origem pagã, vindo do Boi Ápis egípcio, atravessando centenas de civilizações, adaptando-se a diferentes costumes, tomou no Brasil uma feição particularíssima<sup>3</sup>.

O Auto dramático representado pelo ‘Boi’ transcorre sobre a sátira, a comédia, a tragédia e o drama, demonstrando o contraste entre a fragilidade do homem e a força bruta de um boi. É uma manifestação cultural tradicional reconhecida da cultura popular brasileira, chamado por Mario de Andrade de “bicho nacional por excelência... a mais estranha, original e complexa das nossas danças dramáticas. É também, a mais exemplar”<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup>Uma antiga província (ou região natural) portuguesa, de onde veio a maior parte dos portugueses que colonizaram o Brasil a partir do século XVII. In: <http://www.minho.com.br/index.php/festas-tipicas/> acesso em 01.11.2014.

<sup>2</sup> DUARTE, Abelardo. *Folclore Negro de Alagoas*, p. 238. Sobre essa citada dança dos pretos, que acompanhava a procissão da Virgem Senhora da Assunção, segundo descreve BRAGA, Theófilo, *O povo português e seus costumes, crenças e tradições*, Tomo III, 2012, p. 75, a mesma é composta de “nove a dez, com caras enfarruscadas, assim com as mãos, pés e pernas ... fazendo mil caretas e visagens, correm todas as estações, e também, de quando em quando, representam farsa de serem escravos maltratados pelo seu senhor”.

<sup>3</sup> CARVALHO, *Cancioneiro do Norte*, 1928.

<sup>4</sup> ANDRADE, Mário de *Danças Dramáticas Brasileiras*, 1982.

De acordo com Duarte, as tradições dos folguedos populares no Brasil trazem, em sua formação, a marca da mistura. Não se pode considerar originalidade neles, se o critério for uma possível “pureza”. Resultam do encontro entre as culturas dos povos na formação da colonização brasileira, da mistura com costumes e festejos dos negros introduzidos no Brasil, enfim da combinação das matrizes étnicas da população brasileira:

Índios, brancos e negros conheceram o tambor sob as mais variadas formas e tamanhos, visto como dele se serviam, diuturnamente, para marcar o ritmo das caminhadas na selva, estimular os guerreiros ao combate, promover as danças e como meio de comunicação; nas aldeias portuguesas, para acompanhar as festas religiosas<sup>5</sup>.

No entanto, a opinião do também estudioso e pesquisador em folguedos populares, Luis Câmara Cascudo, é outra. Assevera não ter encontrado influência ameríndia ou africana no Bumba-meu-boi brasileiro, que, de acordo com ele, absorve ao enredo experiências de cunho local, segundo vontade do autor ou grupo<sup>6</sup>.

Ao serem transplantadas para o ‘Novo Mundo’, embora a temática continue original, fundiu-se com a realidade vivida e encontrada aqui, servindo de escape para dores e complexos, igualmente para valorização dos costumes e tradições remanescentes. Segundo Duarte (2010:238) são “folguedos que se introduziram no Brasil colonial, e chegaram até aos nossos dias, sofrendo todos os efeitos do dinamismo cultural, do sincretismo e de formas diversas de assimilação dos hábitos e costumes estranhos”.

Existe a hipótese do Bumba-meu-boi, no Brasil, inicialmente, ter aparecido no Estado do Piauí, quando a região começou a ser povoada por vaqueiros oriundos da Bahia, em busca de novas pastagens para o gado. Todavia, não se pode certificar a origem do folguedo no Brasil, o único fato conhecido certo, sobre a história do seu surgimento, foi com o primeiro registro impresso da festa datada de 1840, no jornal *O Carapuço*, em Recife, a respeito do episódio ocorrido no período da dominação holandesa no estado de Pernambuco,

---

<sup>5</sup> LIMA, Carlos de. “Boi de Zabumba”, 1996

<sup>6</sup> Cf. CASCUDO, 1962. Vol. I p.140-145

mais precisamente em Recife, denominado de episódio do Boi Voador, que, a partir daí, teria evoluído para uma lenda com uma história mais elaborada<sup>7</sup>.

Na região Norte, a brincadeira do Boi sofreu adaptação da realidade amazônica, onde a reverência ao ‘Boi’ como se fosse nativo da floresta Amazônica (o que é historicamente incorreto, pois o gado bovino não é nativo das Américas, mas da Índia), além de exaltar as festas coletivas indígenas, adquire características locais, misturadas ao enredo central do folguedo, o Bumba-meu-boi, apresenta, segundo Gentil Puget, os seguintes personagens: o Vaqueiro, o Amo, o Caboclo, o Doutor, a Mãe Catarina e o Pai Francisco<sup>8</sup>.

O Bumba-meu-boi assumiu diferentes enredos e formas de conduzir as apresentações, demonstradas nos estilos de indumentárias, personagens, instrumentos, ritmos, adereços e temas secundários adotados, nas distintas regiões e Estados brasileiros, onde ocorre a festa.

Adquiriu também outras nomenclaturas, no Nordeste brasileiro, mais especificamente nos Estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Alagoas e Piauí. Assim, é conhecido como ‘Bumba-meu-boi’; ‘Boi-Bumbá ou pavulagem’ na região Amazônica (Pará e Amazonas); ‘Boi Mamão ou Boi-de-Mourão’ nos Estados de Santa Catarina e Paraná; no Rio Grande do Sul é ‘Bumba, Boizinho ou Boi-Mamão’; ‘Bois de Reis’ no Espírito Santo; ‘O Boi, Boi de Jacá e Dança-do-Boi’ em São Paulo; em Pernambuco é chamado ‘Boi-Calemba ou Bumbá’; no Ceará, é ‘Boi de Reis, Boi-Surubim e Boi-Zumbi’; na Bahia, ‘Boi-Janeiro, Boi-Estrela-do-Mar, Dromedário e Mulinha-de-Ouro’; em Minas Gerais, Rio de Janeiro - Cabo Frio e Macaé (em Macaé, há o famoso boi do Sadi); é ‘Bumba ou Folguedo-do-Boi’; no Espírito Santo, ‘Boi de Reis’.

---

<sup>7</sup> Boi voador é o nome de um episódio ocorrido na antiga Cidade Maurícia (atual bairro do Recife antigo, na zona portuária), à época do Brasil holandês, em comemoração à inauguração da ponte construída por Maurício de Nassau. Para a festa mandou abater e esfolar um boi, e encher-lhe a pele de erva seca, tendo posto esta encoberta no alto de uma galeria que tinha edificada no seu jardim. Pediu emprestado um boi muito manso e o fez subir ao alto da galeria e, depois de visto pelo grande número de pessoas presentes, mandou-o fechar em um aposento, de onde tiraram o outro couro de boi cheio de palha, e o fizeram vir voando por umas cordas com um engenho, para grande admiração de todos. In: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Boi\\_voador](http://pt.wikipedia.org/wiki/Boi_voador). Acesso em 22.07.2014.

<sup>8</sup> PUGET, Gentil. “Folclore Amazônico” in *Cultura Política*, S.r.l.: s.r.e., s/d. Sobre a introdução do gado no Brasil, sabe-se que “o primeiro gado do Brasil veio das Ilhas de Cabo Verde e se desenvolveu na povoação de São Vicente. Mas, foi no Recôncavo baiano, a partir do ano de 1549, onde se iniciou a criação de gado”. In: <http://www.obrasileirinho.com.br/origem-do-primeiro-gado-do-brasil-html/> Acesso em 28.10.2014.

A principal figura do entremeio é sempre o ‘Boi’. Nas localidades mais humildes, durante as apresentações era comum a utilização do esqueleto do próprio boi pintado, ou com uma cabeça do boi esculpida em madeira e também pintada, com tecido de chitão (florido e colorido) encobrendo as costas de um ou dois participantes, forjando o corpo e os pés do boi.

Por fim, vale ainda afirmar que o folguedo do Bumba-meu-boi em sua apresentação, digamos, mais “clássica”, envolve uma espécie de peça teatral – Auto dramático, onde o enredo se dá em torno da morte e ressurreição do boi, observando a grande quantidade de participantes em torno de 30 a 100 integrantes, compõe cada grupo.

Existem enredos diferentes, no entanto, a história frequentemente dramatizada é de um casal de escravos (trabalhadores) que enfrenta a fúria do senhor de engenho, após matar um boi da fazenda, para satisfazer os desejos da esposa gestante. A partir daí, o casal tenta ressuscitar o ‘Boi’, envolvendo na trama um tom religioso para a festa, ao fazer promessas ao ‘Boi e agradecer a ele bênçãos alcançadas.

Diferentes são as informações a respeito da origem da nomenclatura adotada para o Bumba-meu-boi. Dicionários e estudiosos destacam a palavra ‘bumba’, vinculando-a ao som emitido pelo tombo do boi ao cair no chão, por ocasião da passagem da sua morte, ‘bumba’ uma onomatopeia para queda, som de estrondo; ‘bumba’ pode também exprimir o suposto som da pancada do chifre do boi, assim, significaria algo como "Chifra, meu boi!"; outra linha de pesquisa aponta, a procedência do nome, para os passos do boi ao som rítmico da zabumba, quando os brincantes acompanhavam gritando: “Zabumba, meu boi!”

A encenação do Bumba-meu-boi conta com personagens comuns nas diferentes localidades e regiões onde se apresenta:

**O Boi** - figura mitológica nas mais diversas culturas, o boi era visto por escravos negros e indígenas como companheiro de trabalho, símbolo de força e resistência. É por isso que toda a encenação gira em torno dele. A pessoa que veste a fantasia do animal é chamada de miolo e seus trajes variam bastante de uma festa para outra. Alguns abusam de paetês, miçangas e lantejoulas, ouros bordados com menos brilho e mais cores.

**O Vaqueiro** - ao lado de caboclos, índios e seres fantásticos como o caipora (figura da mitologia tupi), o vaqueiro é um dos personagens coadjuvantes, mas consegue impressionar pelo figurino, principalmente o chapéu, sempre enfeitado com longas fitas. No enredo, ele é quem avisa o dono da fazenda da morte do precioso boi.

**O Dono da Fazenda** - chamado de amo ou patrão, é o senhor de engenho que, proprietário do boi morto, jura vingança contra o casal Catirina e Nego Chico, e exige que o animal seja ressuscitado. Em geral, a pessoa que faz esse papel também é responsável pela organização do grupo folclórico.

**Os Músicos** - o Auto sempre é acompanhado por uma banda musical. Vários ritmos e instrumentos são utilizados: tambores, pandeirões, matracas (dois pedaços de madeira batidos um contra o outro), maracás (uma espécie de chocalho) e tambor-onça (tipo de cuíca rústica, de som gravíssimo), atabaques e, em alguns grupos, ainda são acompanhados por banjos e saxofones. Os instrumentos mais comuns, porém, são os de percussão.

**Nego Chico e Catirina** - depois do Boi, são os personagens principais do Auto. Representam um casal de escravos ou de trabalhadores rurais (dependendo do tipo de enredo escolhido). Grávida, Catirina sente uma grande vontade de comer a língua do boi mais precioso da fazenda onde trabalha. Com medo que seu filho nasça com a cara da língua do animal, se o desejo não for atendido, Nego Chico (ou pai Francisco) mata o bicho para satisfazer a mulher. A personagem dela costuma ser interpretada por um homem vestido de mulher.

Carvalho, em *Cancioneiro do Norte*, relaciona a brincadeira do Bumba

“entre os folguedos mais comuns e arraigados na tradição popular figura o Bumba-meu-boi, que supomos de origem pagã, vindo do Boi Ápis egípcio, atravessando centenas de civilizações, adaptando-se a diferentes costumes, tomou no Brasil uma feição particularíssima”<sup>9</sup>.

Gustavo Barroso, historiador e folclorista cearense, em sua obra *Ao Som da Viola*, refere-se ao Bumba-meu-boi, conhecido como ‘Boi Surubi’ no Ceará: “Este auto é uma fantasia matuta, de costumes nordestinos do sertão, datando do período colonial, possivelmente do século XVIII, conforme se verifica por certos versos, referências e alusões”<sup>10</sup>. Divergências são percebidas entre o auto descrito por Barroso e o que é observado

---

<sup>9</sup> CARVALHO, *Cancioneiro do Norte*, 1928. Quanto a referência a Ápis, trata-se do touro mais venerado e o mais célebre dos animais sagrados. Os antigos egípcios consideravam-no como a expressão mais completa da divindade sob a forma animal. Simbolizava a força vital da natureza e sua força geradora, a personificação da terra, também deus egípcio da fertilidade. In: <http://pt.wikipedia.org/> e <http://www.fascinioegito.sh06.com/boiapis.htm>. Acesso em 20.10.2014.

<sup>10</sup>BARROSO, Gustavo. *Ao Som da Viola (folclore)*. 1949.

em Alagoas, onde, figuras como índios emplumados aparecem na descrição do ‘Boi Surubi’ cearense, personagens nunca observados nos autos alagoanos, confirmando a direta influência regional sobre o folguedo.

## 2.2 Particularidades do Bumba-meu-boi em Maceió

Enquanto durou o período escravista, Alagoas, por se localizar entre Pernambuco e Bahia, considerados grandes centros de distribuição de escravos, esteve sob a influência negra da antiga capitania da qual era parte, embora sem deixar de receber da Bahia a mesma influência. Durante o período da ilegalidade do tráfico escravo no Brasil, era nos portos alagoanos que os negros desembarcavam. Fruto provável destes contatos culturais nas terras alagoanas é observado na migração do folguedo Congo<sup>11</sup>, comum na Bahia e Sergipe, “absorver aqui pelo auto menos aparatoso, antes simples. Vivemos assim por muito tempo, sobre pressão constante desses dois centros maiores da dispersão negra, em nosso país.”<sup>12</sup>.

O Bumba-meu-boi na região nordeste é elemento dominante dentro dos folguedos de origem europeia peninsular, africana e ameríndia. Nas diferentes regiões e localidades onde ocorre o folguedo no Brasil, observa-se que o enredo central é mantido em torno da morte e ressurreição do ‘Boi’, no entanto, são incorporados enredos secundários, elementos relacionados com o dia a dia de cada localidade, somando a eles novos elementos da contemporaneidade, da dinâmica cultural.

A presença espontânea do folguedo era frequente nos períodos entre as comemorações natalinas e o período momesco, correndo pelas ruas a fim de arrecadar algum ‘trocado’, recurso utilizado para manutenção dos grupos; é comum o entremeio do Bumba-meu-boi com os folguedos do Reisado e Guerreiros, autos derivados do Congo. O Bumba-meu-boi precedeu os autos de Reisados e Guerreiros em Alagoas, diferentemente de outras localidades, chegou a ser incorporado a estes autos, desprezando sua rica dramaturgia, que constituía todo um auto.

---

<sup>11</sup> Congo: conhecido na Bahia de Cucumbis, representava as comemorações de coroação do rei e da rainha, antigos reis ou sobas africanos, relaciona entre seus personagens: Rei, Rainha, Capatazes, Caboclos, etc. In: <http://pt.wikipedia.org/> Acesso em 20.10.2014

<sup>12</sup> DUARTE. Abelardo. *Folclore Negro das Alagoas*. 2010, p.240



Embora sem fugir ao tema central: a morte e ressurreição do ‘Boi’, com os personagens do vaqueiro e sua mulher, grávida, presentes, em Maceió, capital alagoana, a ressurreição do boi é mais jocosa, as toadas e músicas espirituosas em torno do tema central.

Considerado um folguedo natalino e carnavalesco, embora se assemelhe ao ‘Boi de Carnaval’, o Bumba-meu-boi de Maceió, possui estrutura mais elaborada, características próprias e enredos secundários distintos, são percebidos nas apresentações locais.

Na obra do folclorista Ranilson França, ele observa que em Alagoas os personagens mais conhecidos são o Boi, Mateus, Catirina, Cavalo-marinho, Morto-vivo - conhecido como Mané do gás, Jaraguá, Empreiteiro e seus trabalhadores, Caboclo do Arco, Felipa Rapada, Escova-bota, Barbeiro, Cigana, Margarida, Matuto da Goma e o Lobisomem. O cavalo-marinho assume o papel de mestre-sala, tornando-se um personagem com grande destaque. Os instrumentos mais comuns, além da percussão, são os apitos.

Em Maceió, de acordo com as entrevistas realizadas com mestres de Bumba-meu-boi e com gestores culturais do município, os grupos se ressentem, por vezes, por ser considerado como parte integrante dos folguedos relacionados ao período momesco, confundidos com os ‘Bois de Carnaval’. Eugênio Vilela (mestre de Bumba-meu-boi, ex dirigente da Liga de Bumba-meu-boi de Maceió entre 2011 a 2013, atualmente coordenador de produção cultural de Fundação Municipal de Ação Cultural de Maceió e membro do Conselho Internacional das Cidades do Samba e Carnaval), durante a entrevista relatou: “os grupos locais fazem questão de desvincular o Bumba-meu-boi dos eventos carnavalescos”.

Duarte (2010), afirma que por volta de 1839, já era o folguedo denominado e conhecido nas Alagoas por Bumba-meu-boi”, não relacionando-o, por tanto, à forma contemporânea de denominação “Boi de Carnaval”. Os participantes dos grupos locais não querem agregar ao carnaval aos Bois e ressaltam que foi registrado pelo IPHAN com a nomenclatura de Bumba-meu-boi.

Em 2003, a partir do crescimento dos grupos participantes dos Festivais, foi criada a Liga de Bumba-meu-boi de Maceió, pelo senhor José Carlos dos Santos, conhecido com ‘Zé do Boi’. Na ocasião em que foi fundada, o número de grupos a ela relacionados, variava em torno de três dezenas (35 filiados). No entanto, com a atuação da instituição no sentido de promover a valorização dos grupos e divulgar do folguedo, o número de cadastrados aumenta a cada ano. Com o advento do Festival e atuação da Liga, a profissionalização dos grupos

em Maceió alavancou para o crescimento e incremento dos adereços, enredos mais elaborados (muitas vezes distantes dos temas relacionados á tradição do folguedo ou a realidade local).

Em 2011 e 2012 a Liga promoveu o I e o II Ciclos de Palestras Bumba-meu-boi – Nosso Patrimônio Cultural, com o objetivo de capacitar os participantes dos Bumba-meu-boi, abrir oportunidades para o seu desenvolvimento, além de valorizar os mestres e os brincantes. Na ocasião, Eugênio Vilela, Presidente Liga do Bumba-meu-boi de Maceió, relatou: “Nossa pretensão é despertar o interesse no empreendedorismo e abrir os olhos para trabalhar o boi como uma ação social nas comunidades”<sup>13</sup>.

Em 2011, a Liga agregou ao I Ciclo de Palestras uma Mostra – Exposição de Fotografia em homenagem ao professor Marcial Lima, artista e pesquisador que contribuiu para a valorização e visibilidade das manifestações culturais de Maceió. A exposição Marcial Lima, além do registro fotográfico do XIX Festival de Bumba-meu-boi de Maceió, com imagens do senhor Amaurício de Jesus, dos bois Demolidor, Pacato, Xique-xique, Vingador, Gavião, Diamante, Pananá, Amizade, Paraná, Caprichoso, Olodum, Lacrau, Gato Selvagem, Águia e Cobra Negra, expôs os Bois confeccionados pelos grupos vitoriosos do Festival no ano anterior, figuras coloridas e volumosas, em tamanho e largura, com aproximadamente 80 quilos cada.

No ano seguinte, 2012, o II Ciclo de Palestras homenageou um dos mestres de boi, de Alagoas, Everaldo Lins “Mestre Vevéu”, reconhecido como Patrimônio Vivo de Alagoas, em 28 de agosto de 2012, quando recebeu o certificado R.P.V. Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas, entregue pela SECULT – AL, de acordo com a Lei nº 6.513, de 22 de setembro de 2004, alterada pela Lei 7.172, de 30 de junho de 2010.

Notado crescimento do número dos grupos de Bumba-meu-boi na cidade, que de forma espontânea, desfilavam pelas ruas dos bairros. Segundo Eugênio Vilela, os primeiros celeiros do Bumba-meu-boi de Maceió ocorreram nos bairros da Pajuçara e Ponta da Terra, depois, Vale do Reginaldo e Jacintinho, se espelhando para o Vergel, Poço, Cruz das Almas e Benedito Bentes.

A partir de 2013, a Liga de Bumba-meu-boi passou a ter assento no Conselho Municipal de Políticas Culturais de Maceió, participando assim ativamente das deliberações do Conselho.

---

<sup>13</sup> Cf. <http://www.alagoas24horas.com.br>, acesso em 10.10.2014

A Liga dos Grupos de Bumba-meu-boi de Maceió conta atualmente com 66 grupos filiados. Embora este número não represente o quantitativo real de grupos existentes em Maceió, que ultrapassa os formalmente cadastrados à Liga, espalhados em bairros diversos da cidade, representantes dos grupos menores, menos elaborados e desvinculados do Festival.

## O BUMBA-MEU-BOI E AS AÇÕES CULTURAIS

### 3.1 Festival de Bumba-meu-boi de Maceió

Em Maceió percebemos uma construção histórica dos grupos de bois, que realizam, há 22 anos consecutivos, o Festival de Bumba-meu-boi de Maceió. É o evento público e gratuito que agrega o maior número de plateia da cidade, mobilizando torcidas de todos os bairros.

O criador e idealizador do Festival de Bumba-meu-boi de Maceió foi o radialista, programador de auditório e pesquisador sobre folguedos tradicionais de Alagoas Luís de Barros. Ele foi um dos homenageados no mais recente festival realizado em abril passado. Segundo Luis de Barros, em entrevista<sup>14</sup> concedida para esta pesquisa, a iniciativa de criar um Festival de Bumba-meu-boi em Maceió em 1992 foi incentivar a formação de novos grupos e divulgar o folguedo, para que “cada bairro se interessasse em ter seu representante no Festival”. Durante 13 anos Barros comandou a produção do Festival. No entanto, devido a sua idade avançada, delegou à Liga de Bumba-meu-boi a continuidade do evento.

Em 1993, o Boi Gavião, surgido na localidade conhecida como Vale do Reginaldo, promoveu um Festival de Bumba-meu-boi entre os bairros próximos.

Nos primeiros anos, de 1993 a 2010, o Festival acontecia durante os festejos de Momo, numa disputa entre bairros. No entanto, a partir de 2011, a 19ª edição do Festival de Bumba-meu-boi de Maceió, foi desmembrada da programação carnavalesca, como estratégia para garantir mais visibilidade ao evento e valorizar as manifestações mais expressivas da cultura local. Paula Sarmento, a então presidenta da Fundação Municipal de Ação Cultural de Maceió, declarou na ocasião que “a estratégia deu certo. É só olhar a quantidade de gente que foi à Praia de Pajuçara no último final de semana, para acompanhar e vibrar com a apresentação dos bois”<sup>15</sup>.

No entanto, foi a partir de 1997, com o incremento dado ao Festival de Bumba-meu-boi de Maceió, através do incentivo da Prefeitura, por meio da Fundação Municipal de Ação

---

14 Anexo III – Entrevista com Luis de Barros.

15 Cf. <http://www.alagoas24horas.com.br/> Cultura 29.10.2011. Acesso em 10.10.2014

Cultural de Maceió (FMAC), com recursos e logística de produção, a disputa entre os grupos passou a ser realizada numa arena delimitada, trazendo alterações ao formato e as coreografia apresentadas, agora voltadas para uma plateia, atentas às observações e críticas da comissão julgadora que seleciona os premiados, vencedores.

**Fig. 1** – Fotografia da Primeira Fase do Festival dos Bois de Maceió



**Fonte:** Acervo particular de Luis de Barros.

As apresentações, a partir de então, assumiram outra dimensão, assemelhando-se, num certo sentido, aos grandes desfiles de escola de samba. Para a performance durante o festival, os enredos escolhidos para apresentação são de livre escolha dos grupos, com novo tema a cada ano, novos cenários e adereços, comissão de frente, entre outros elementos para apreciação da comissão julgadora. Os jurados avaliam durante as apresentações requisitos como: a evolução do boi e do vaqueiro, bateria – originalidade dos ritmos, conjunto da harmonia, beleza do boi, as fantasias, as alegorias e os adereços.

Deste modo, “quem está no grupo de acesso e mais pontuar sobe para divisão principal no ano seguinte. E quem menos pontua no grupo principal é rebaixado, passando a disputar o grupo de acesso no próximo ano”, explica o atual presidente da Liga dos Grupos de

Bumba-meu-boi de Maceió, Joel Ferreira<sup>16</sup>. As apresentações duram aproximadamente 25 minutos para cada grupo, que começam a ser contados a partir da arrumação.

Para que o Festival aconteça são realizadas atividades durante o decorrer do ano, no sentido de desenvolver a temática, adequar e manter os vestuários, a confecção dos bois, os ensaios, enfim, uma maratona de ações que envolvem pessoas de todas as idades, de diferentes bairros da cidade, em torno desta manifestação cultural em Maceió, conhecida como “Bumba-meu-boi”.

A crescente participação foi percebida a partir do novo formato adotado para o Festival de 1997, quando a formação de novos grupos de Bumba pela cidade aumentou, com o intuito de terem seus bairros representados no Festival. Os ‘Bois’ passaram a exibir características únicas, em relação à outros Estados onde o folguedo é praticado, por terem se tornada bois gigantescos, com elementos estéticos barrocos em sua carcaça.

A partir de 1999, os grupos de Bumba-meu-boi de Maceió, se reuniram em torno da institucionalização da Liga do Bumba-meu-boi de Maceió, tendo como membro fundador José Carlos, conhecido como Zé do Boi. Entre os anos de 1999 a 2005, junto com a associação de Moradores do Vale do Reinaldo, realizou um Festival Cultural no bairro, com a apresentação dos grupos de Bumba-meu-boi da localidade e de bairros vizinhos.

Em 2013, segundo a polícia militar, o Festival de Bumba-meu-boi de Maceió contou com aproximadamente 10 a 12 mil pessoas por dia, lotando as arquibancadas e praça pública para torcer pelo sucesso de seu grupo ou para assistir ao espetáculo.

A 22ª edição do Festival de Bumba-meu-boi, em 2014, homenageou a memória do mestre declarado Patrimônio Vivo de Alagoas, Everaldo Lins, mais conhecido como Mestre Vevéu, (falecido em março de 2014), reverenciado pelos brincantes de Bumba-meu-boi era coordenador e entoador do Boi Paraná, referência para as antigas e novas gerações de brincantes do Boi, orientava e assessorava outros grupos, quanto às composições musicais, rítmicas e figurinos.

Para alguns pesquisadores, o formato do Festival leva ao distanciamento da essência do folguedo, da sua verdadeira matriz e identidade. No entanto, as transformações

---

<sup>16</sup>Cf. <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/04/festival-de-bumba-meu-boi-e-atracao-na-praca-multieventos-em-maceio.html> Acesso em 15.11.2014.

evidenciadas revelam o caminho ao qual a expressão cultural tem se moldado com o advento do Festival, para a sobrevivência do folguedo.

Existe uma diáspora entre o excessivo incremento, atualmente percebido, nas coreografias e enredos apresentados, limitando a poucos grupos de Bumba-meu-boi a participação no Festival, apenas aos que têm condições financeiras para investir em figurinos e adereços, cenografias elaboradas, enfim, arcando com um alto investimento financeiro para competir junto aos grupos de disputam as premiações do Festival. Caminho antagônico aos ‘Bois’ autônomos, livres e soltos nas ruas, quase desaparecidos, podiam ser observados nos períodos entre os festejos de Natal e Carnaval, apresentando-se para angariar algum recurso para garantir a presença do grupo nos dias de Momo.

**Fig. 2 – Fotografia do 22º Festival de Bumba-meu-boi de Maceió**



**Fonte:** Acervo particular de Keyler Simões.

### 3.2 Os Grupos de bumba-meu-boi no mapa cultural de Maceió

Este subcapítulo trata da Cartografia Cultural, relacionada ao Bumba-meu-boi de Maceió, executada por meio projeto Cartografia Cultural de Maceió, iniciado em 2013, executado Diretoria de TIC e Difusão Cultural da FMAC, em parceria com a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), procurando revelar as relações entre espaço, tempo e as práticas culturais relacionadas a expressão cultural em questão.

Portanto, essa cartografia proposta pela FMAC pode ser considerada como instrumento para auxiliar a compreender melhor o mundo cultural da cidade e suas dinâmicas sociais e espaciais, apresentando um conjunto de dados e tendo como base a observação direta ou a análise documental, voltados para elaboração de mapas e outras formas de representação de elementos e fenômenos culturais, bem como sua utilização.

O professor de antropologia da UFAL, Bruno César Cavalcanti, orienta e coordena a equipe de estagiários, estudantes do curso de Ciências Sociais da UFAL, nesta pesquisa e levantamento das informações junto aos grupos culturais. Ele afirma que a cartografia pode até mesmo munir também outras secretarias da municipalidade com informações importantes acerca da organização dos grupos socioculturais e de como eles podem participar do desenvolvimento de políticas públicas propostas para as comunidades onde estão inseridos<sup>17</sup>.

A metodologia de pesquisa utilizada pela equipe de estudantes/ estagiários do projeto de Cartografia Cultural da FMAC é a observação e pesquisa de campo, utilizando ainda a aplicação de questionários que buscam reunir dados sobre as lideranças dos grupos, o histórico, endereços de ensaios, espaços para as apresentações, número de pessoas envolvidas, além de aspectos econômicos de manutenção e viabilização das atividades dos grupos<sup>18</sup>.

Observamos que essas respostas dos questionários pontuam geograficamente as manifestações culturais no mapa do município e contribuem com a compreensão entre espaço e cultura. Além disso, ela incentiva a discussão em torno do desenvolvimento de políticas públicas voltadas para os grupos culturais, colocando à disposição dados importantes para

---

<sup>17</sup> Cf. <http://www.correiodosmunicipios-al.com.br/noticias>, acesso em 09.11.2014.

<sup>18</sup> Cf. <http://www.maceio.al.gov.br>, acesso em 05.11.2014



outras unidades de governo, para gestores ou produtores culturais, artistas, estudantes, turistas e, de um modo geral, para a sociedade civil. A Cartografia Cultural identifica e pontua no mapa de Maceió as expressões manifestadas por grupos ou artistas cujas atividades integrem um dos 18 segmentos culturais classificados pelo Ministério da Cultura (MINC) e pelo Conselho Municipal de Políticas Culturais de Maceió, segundo o Diretor de TI Comunicação e Difusão Cultural da FMAC, Nasson Neves, “É uma ação importante porque vai proporcionar o acesso facilitado às informações acerca dos grupos culturais”<sup>19</sup>.

No que toca especialmente ao segmento dos bois, o levantamento dos dados, que antecedeu as pesquisas de campo da equipe da cartografia, foi elaborado com base nos elementos disponibilizados pelos associados da Liga de Bumba-meu-boi de Maceió. As entrevistas foram realizadas nas sedes dos ‘Bois’ ou na residência dos entrevistados. Basicamente foram questões sobre: a localização e origem da atividade, tempo de existência, formação do grupo, frequência dos ensaios, atividades desenvolvidas por meio de parceiras públicas e/ou privadas, atividades culturais e paralelas para manutenção - vestuários, indumentárias, instrumentos musicais e os investimentos (gastos) para novas apresentações, a relação que o grupo mantém com a Liga de Bumba-meu-boi de Maceió, a relação e intercâmbio com outros ‘Bois’, tanto do Estado (Alagoas), como de outras localidades, a participação nos desfiles de carnaval e no Festival, além do cadastro completo do grupo (nome, endereço, telefone, email, nome do representante).

As informações coletadas em campo são compiladas na FMAC, especificamente pela Diretoria de TI Comunicação e Difusão Cultural, que desenvolve um trabalho com os alunos (estagiários) de análise dos dados coletados, durante as visitas e entrevistas realizadas com os representantes ou integrantes dos grupos de Bumba-meu-boi, formatando os dados em textos, áudio e/ou vídeo, disponibilizados em plataforma própria, cuja manutenção é de responsabilidade da FMAC, baseada informações manifestadas pela própria comunidade.

Os resultados, ainda parciais, da Cartografia Cultural estão disponíveis no site [www.culturamaceio.com.br/cartografia](http://www.culturamaceio.com.br/cartografia).

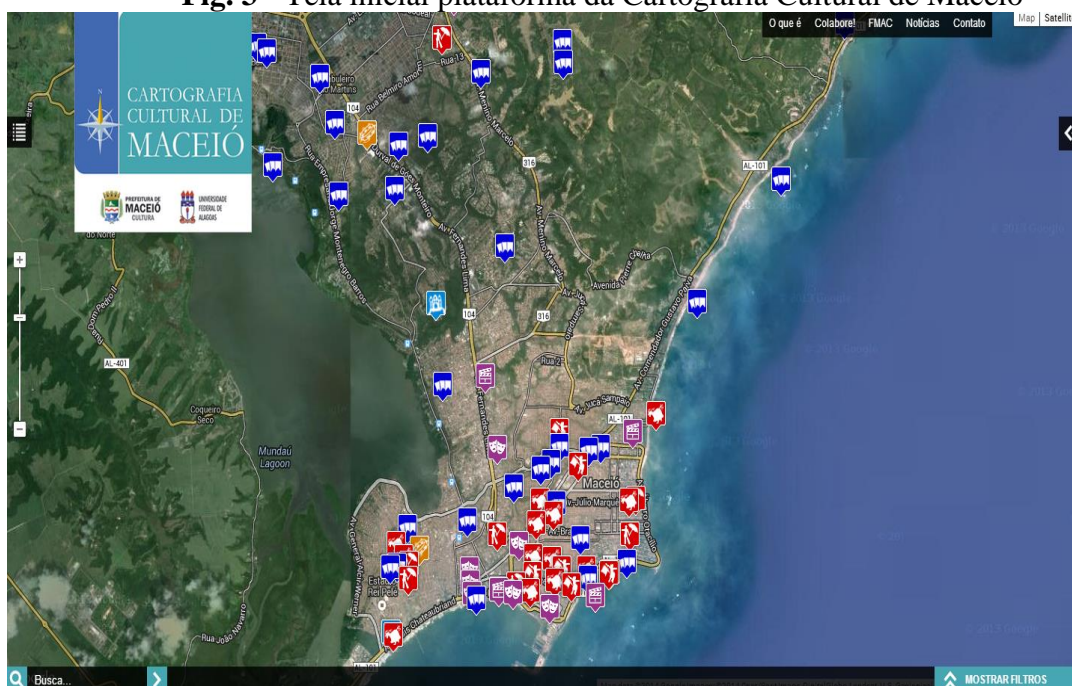
Além dos dados relacionados aos grupos de Bumba-meu-boi de Maceió, constam também da mesma plataforma os demais resultados da primeira fase do projeto da Cartografia

---

<sup>19</sup> Cf. <http://www.maceio.al.gov.br>, acesso em 05.11.2014

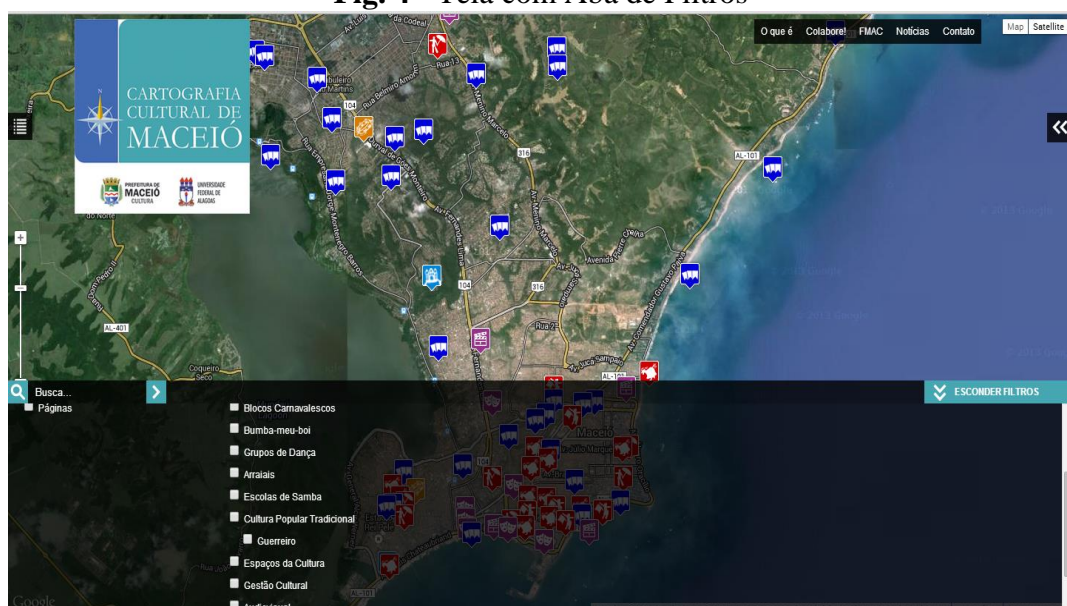
Cultural de Maceió, quais sejam, informações sobre escolas de samba e blocos carnavalescos tradicionais e, no mapa, a localização dos arraiais de bairros que animaram as comunidades durante os festejos juninos dos anos de 2013 e 2014, conforme imagens a seguir da plataforma, no *Google Maps*, da Cartografia Cultural de Maceió no site [www.culturamaceio.com.br/cartografia](http://www.culturamaceio.com.br/cartografia).

**Fig. 3 - Tela inicial plataforma da Cartografia Cultural de Maceió**



Fonte: [www.culturamaceio.com.br/cartografia](http://www.culturamaceio.com.br/cartografia).

**Fig. 4 - Tela com Aba de Filtros**

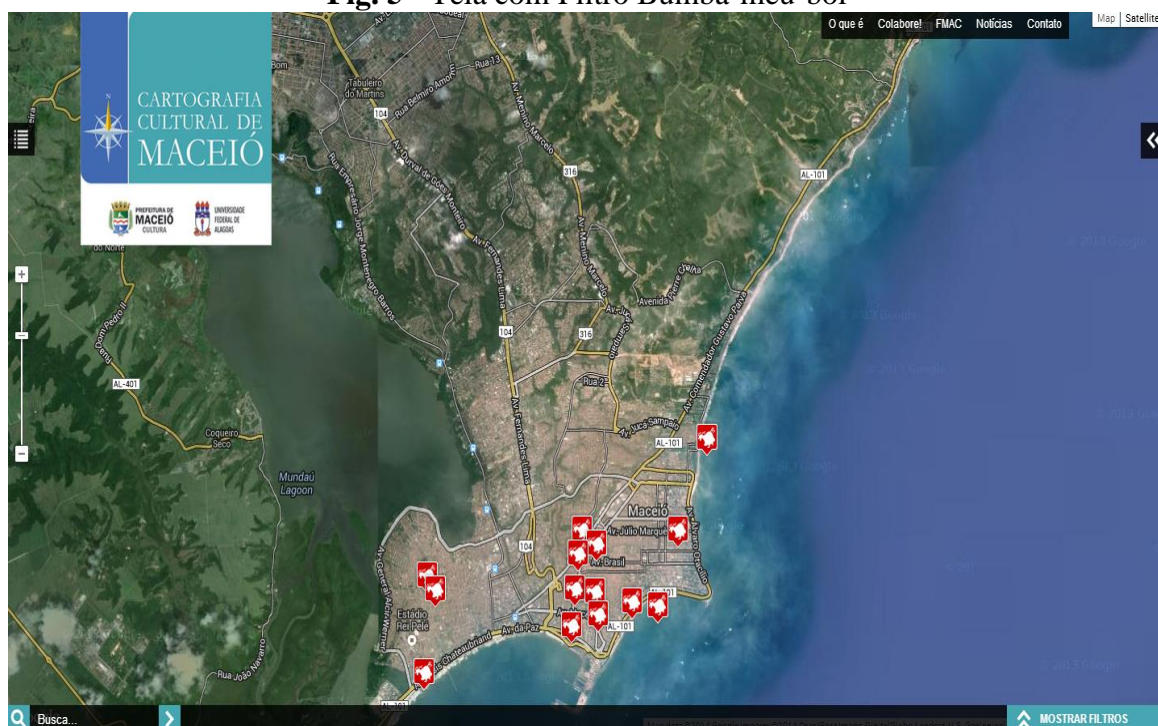


Fonte: [www.culturamaceio.com.br/cartografia](http://www.culturamaceio.com.br/cartografia).

O levantamento realizado presente na cartografia assinala um recorte de 20 grupos de Bumba-meu-boi dentro das Regiões Administrativas (RA) de Maceió, cuja localização de

suas sedes aponta uma concentração dos grupos nas RA1 e RA2, especificamente em cinco bairros da cidade: Jacintinho, Poço, Pajuçara, Jatiúca, Ponta da Terra e Vergel. Quanto ao número de integrantes, variam entre 15 a 200 participantes por grupo, formando um segmento cultural na cidade de Maceió, com mais de 900 participantes diretamente identificados pelo projeto da Cartografia. Os grupos catalogados na FMAC são: Boi Amizade, Boi Olodum, Minotauro, Rastafary, Diamante Negro, Xique Xique, Boi Lacrau, Falcão, Dragão, Jaguar, Boi Garantido (Pacato), Boi Tigre, Boi Lacrau, Gavião, Águia, Boi Barrão, Boi Anaconda, Pura-Raça, Águia de Ouro e Paraná, geograficamente identificados na imagem a seguir.

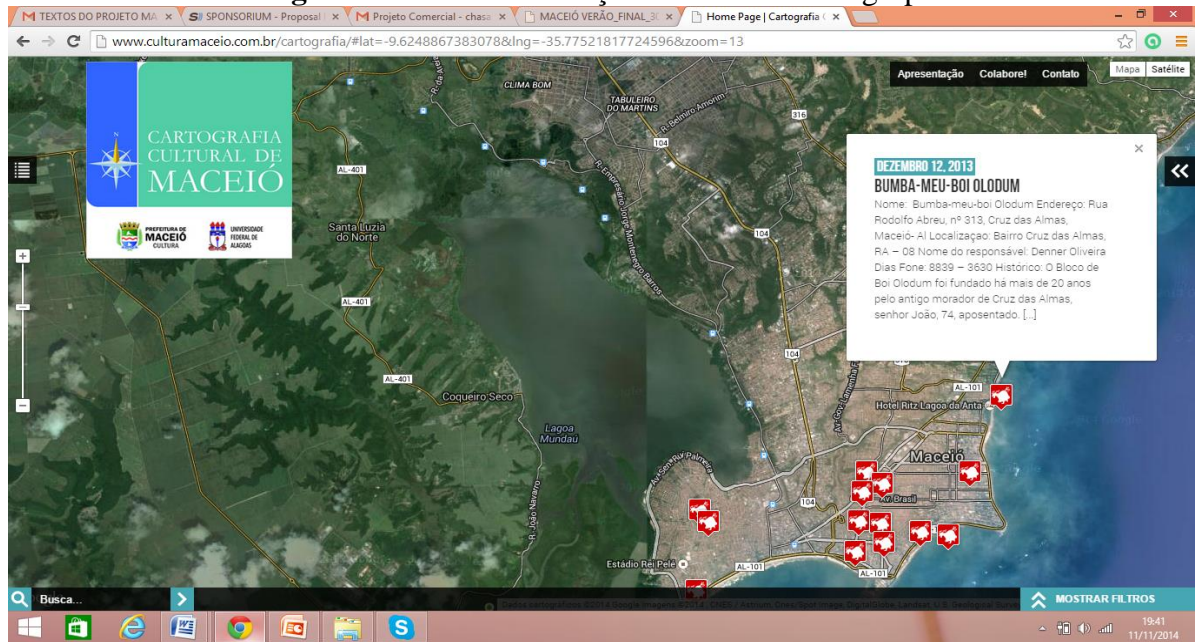
**Fig. 5 - Tela com Filtro Bumba-meu-boi**



Fonte: [www.culturamaceio.com.br/cartografia](http://www.culturamaceio.com.br/cartografia)

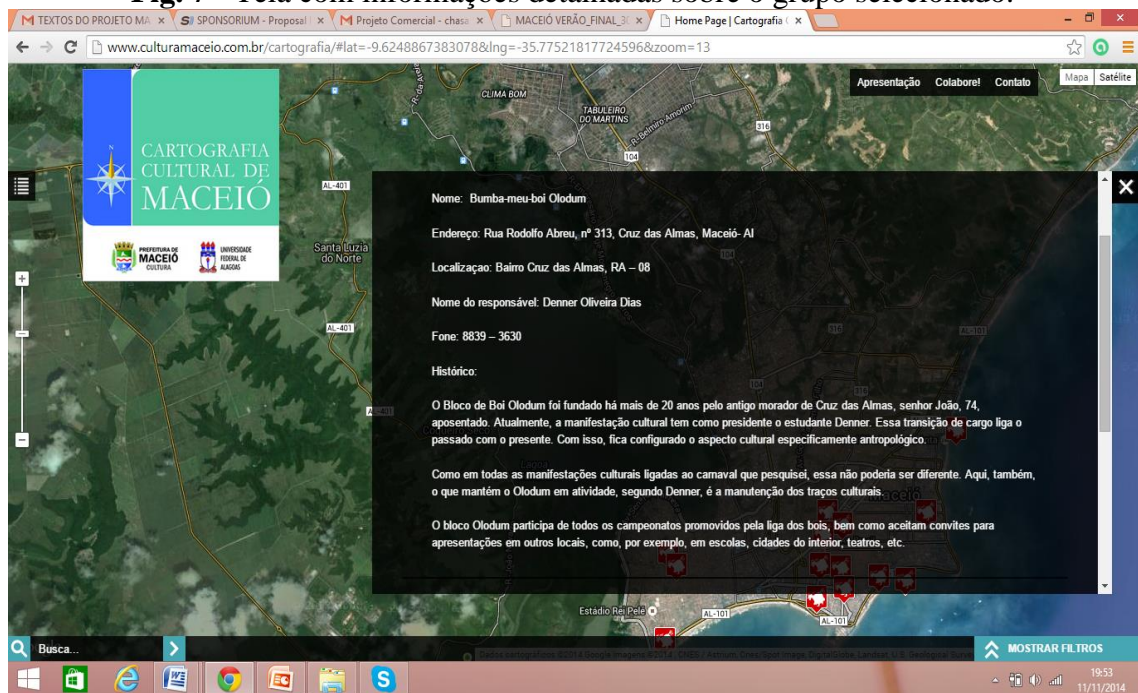


Fig. 6 - Tela com informações iniciais sobre o grupo



Fonte: [www.culturamaceio.com.br/cartografia](http://www.culturamaceio.com.br/cartografia)

Fig. 7 - Tela com informações detalhadas sobre o grupo selecionado.

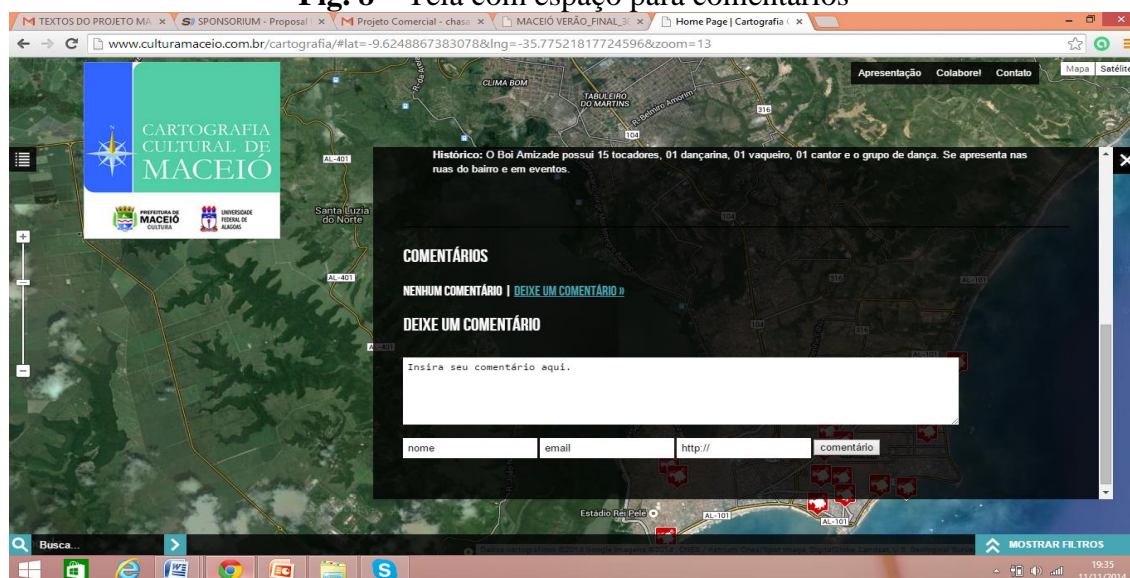


Fonte: [www.culturamaceio.com.br/cartografia](http://www.culturamaceio.com.br/cartografia)

A equipe da Diretoria de TI e Difusão Cultural da FMAC preocupada com a construção coletiva da plataforma da Cartografia Cultural de Maceió ( que pode ser acessada no endereço: <http://www.culturamaceio.com.br/cartografia>) acredita que, após a fase atual de indução à participação/inclusão no mapa cultural da cidade, os grupos e agentes culturais poderão coletivamente construir continuamente essa cartografia, atualizando as informações e dados sobre as atividade culturais que desenvolvem.

Pensando assim, conforme ilustrado abaixo na imagem do *google maps*, temos disponibilizado o espaço para tal intercâmbio com os agentes e comunidades culturais, disponível na plataforma em questão.

**Fig. 8 – Tela com espaço para comentários**



**Fonte:** [www.culturamaceio.com.br/cartografia](http://www.culturamaceio.com.br/cartografia)

Outra fonte de informação para ações culturais concernentes ao Bumba-meu-boi é sempre da Liga dos Bumba-meu-boi de Maceió, que aponta um número mais expressivo de grupos, totalizando 66 grupos na capital alagoana, com cerca de aproximadamente 1.600 integrantes. Além dos grupos apontados pela Cartografia do Município, a Liga informa outros grupos, que ainda não foram localizados pela equipe de estagiários da FMAC/UFAL, quais

sejam: Boi Vingador, Safari, Cão de Raça, Bumbá Alagoano, Boi Trovão, Faraó, Fênix, Imperador, Leão, Búfalo, Boi Felina, Escorpião, Bezerra da Paz, Rei Bumbá e Boi da Paz. Também localizados, em sua maioria, nas mesmas Regiões Administrativas, nos bairros do Jacintinho com 28%, Jatiúca com 20%, Pajuçara com 20% e Ponta da Terra com 17%. A maioria dos grupos foram criados entre 1996 a 2006 em Maceió.

Vejamos agora em que medida, após esta revisão da história e do estado atual da brincadeira do Boi em Maceió, é possível propormos ações para uma gestão cultural dirigida ao segmento em pauta, matéria do próximo e último capítulo.

## GESTÃO CULTURAL EM TORNO DOS ‘BOIS’ DE MACEIÓ

Segundo Juca Ferreira (2006), criar, fazer e definir obras, temas e estilos é papel dos artistas e dos que produzem cultura. Escolher o que ver, ouvir e sentir é papel do público. Criar condições de acesso, produção, difusão, preservação e livre circulação, regular as economias da cultura para evitar monopólios, exclusões e ações predatórias, democratizar o acesso aos bens e serviços culturais, isso é papel do Estado.

Este capítulo trata das possibilidades de intervenção da gestão municipal de cultura, por meio de proposições de ações efetivas, em torno do desenvolvimento e valorização dos grupos de bumba-meu-boi de Maceió.

Podemos viver numa época em que muitos desfrutam de uma extraordinária variedade de bens culturais, mas se não houver constante renovação das fontes de diversidade cultural, tangível e intangível, a produção de tais bens, apesar de maciça, mascara um empobrecimento cultural real. A perda de identidade cultural compromete não só a própria cultura, mas, também, o desenvolvimento humano em seu conjunto (Matsuura, 2004).

Segundo, Arizpe, Jelin, Rao e Streeten (2004), “a identidade cultural é um processo de construção continuada, onde inúmeras vezes transformações ocorrem na entidade identitária dos indivíduos, abandonando um caráter estável que a teoria iluminista lhe atribuía. Os processos culturais estabelecem, transformam, reafirmam as identidades. — Possuir uma identidade significa defini-la em relação a outras culturas locais e também a outras regionais ou internacionais”.

Com o advento do Festival de Bumba-meu-boi de Maceió, em observância aos processos intensos de apropriação para transformação em mercadoria, quando o mercado se aproxima das manifestações culturais tradicionais, o Estado exerce o papel de regulação e disciplinamento dos tecidos, exercendo a dupla função de apoiar o mercado e proteger o bem cultural, neste caso, o Bumba-meu-boi, por meio do desenvolvimento de programas contínuos e políticas públicas específicas voltadas para o segmento.

O bumba-meu-boi espontâneo está desaparecendo, a profissionalização dos ‘Bois’ está roubando a coisa lúdica, sua montagem simples, sua improvisação e espontaneidade em sair às ruas dos bairros, o que permitia aos brincantes divertir os presentes, alegrar a rotina e, ao

mesmo tempo, pedir dinheiro para incentivar os desfiles nas ruas durante os festejos entre Natal e Carnaval. Esse cenário tem sido alterado nos últimos tempos, entre outros porque, a produção desses bois espontâneos não encontra o mesmo eco anterior para continuar se proliferando na cidade.

Por outro lado, vemos um outro cenário de estabelecer em decorrência do crescimento do Festival, os donos dos 'Bois' que participam da competição contratam, em geral, cenógrafos, coreógrafos, de forma a parecer um espetáculo como uma 'ópera de rua'. Os temas escolhidos a cada ano comprovam que os enredos não são mais das comunidades, que o grupo vem sendo, de algum modo, ou manipulado por propósitos alheios aos objetivos iniciais da dimensão lúdico-festiva da brincadeira, ou estabelecendo uma nova formatação fomentada pelo desejo de transformar-se em uma outra forma de agremiação que não mais um mero grupo de brincantes do Boi. O fato é que, de uma forma ou de outra, estão a demonstrar uma espetacularização do bumba-meu-boi. O folguedo vem perdendo a singeleza, a partir do advento do Festival.

A proteção à tradição dos Bumba-meu-boi pode ser conferida pelo Estado, por meio do mecanismo conhecido como salvaguarda, que tem a finalidade da preservação e continuidade das tradições ameaçadas de desaparecimento ou sob grande descaracterização. O reconhecimento e apoio oficiais possibilitam aos grupos ou indivíduos das culturas tradicionais, condições de reprodução e de transmissão para as futuras gerações, (treinamento dos filhos), tornando os mestres personagens públicos e agentes públicos de mediação, divulgação e valorização dos 'Bois'. Sobretudo, é um processo de registro de informações que ao serem disponibilizadas ajudam, a todos, mas em particular aos produtores culturais e aos próprios brincantes, saberem como e o que dizerem sobre o folguedo, o que destacar como essencial em suas características, o que de fato importa ser preservado e reproduzido como verdadeiro patrimônio cultural, tradição do grupo, do bairro e da cidade etc.

A salvaguarda define critérios, estabelecendo limites para descrever o que é e o que não é parte do Bumba-meu-boi. Pode parecer um tanto ortodoxo, mas tem como finalidade evitar o excessivo estímulo, a cada novo Festival, às novas cenografias e alegorias nas apresentações, tornando cada vez mais onerosa a participação dos grupos, limitando e reduzindo para apenas poucos que atendem as regras da competição.



Sugerimos aos Bumba-meu-boi de Maceió, por intermédio dos dirigentes da Liga de Bumba-meu-boi de Maceió, em parceria com pesquisadores sobre o tema, outras instituições que possam dar suporte, e, especialmente, a Secretaria Estadual de Cultura,

- 1) a elaboração de um **dossiê histórico-cultural** detalhado sobre as tradições do folguedo em Maceió, produzindo também um registro audiovisual, com a finalidade de juntar material para contextualizar a permissão de medidas para que a tradição não se descaracterize, a salvaguarda do Bumba-meu-boi, através do registro patrimonial como um bem cultural imaterial de Alagoas, a ser concedida pelo Governo do Estado de Alagoas. Neste caso, seguindo-se o que preconiza a Lei Estadual 7.285/2011, que instituiu em âmbito local os critérios de registro de bens culturais de natureza imaterial ;
- 2) **um plano de salvaguarda** em consonância a referida Lei Estadual e com o reconhecimento amplo do bem e de seus potenciais perigos, riscos e descaracterizações.

Um mecanismo de patrimonialização do bem cultural, um dossiê assinalando as marcas e características do Bumba-meu-boi, observando as suas cores tradicionais, o “couro” do boi para desfilar, a confecção, estilo e materiais utilizados na elaboração artesanal de sua carcaça , o canto dos vaqueiros, entre outros, possibilitaria o reconhecimento da salvaguarda da tradição do folguedo e a brincadeira tradicional do ‘Boi’, manteria a proteção necessária para evitar o desvirtuamento da sua história, seria um registro dos caracteres e elementos comuns a todos sem, no entanto, limitar a criatividade dos brincantes.

Outras medidas que poderão compor ações simultâneas de auxílio à salvaguarda do folguedo são de ordem econômico-financeira, como:

- 3) medidas de incentivo a uma maior potencialização do folguedo como gerador de ocupação e renda. Poderia ser obtido por formação profissional, visando a produção de *souvenir* e alguns serviços (especialmente apresentações) para o mercado turístico, uma vez que esta é uma atividade em crescimento na cidade e na nossa região. Portanto, oficinas para confecção de “Bois” em miniaturas para a comercialização junto a visitantes e locais, como um *souvenir* típico.

Desse modo, unindo diferentes ações e possibilidades nas políticas para o incremento das atividades setoriais que vinculem-se ao universo desse folguedo, podemos imaginar uma confluência de novos e bons resultados.

Claro, sabemos todos muito bem disso, na gestão dessas iniciativas sempre terão ajustes e redirecionamentos a fazer e que, no momento, não cabe antevê-los ou imaginar as suas (futuras) soluções. Mas vale o risco da inovação e da aproximação de horizontes diversos nessa realidade, envolvendo os grupos de brincantes de Bois, quase sempre jovens, dos bairros periféricos, com suas realidades pessoais e sociais marcadas por dificuldades, tanto de reconhecimento cultural, quanto de oportunidades socioeconômicas.

Segundo, Marcia Sant'Anna (2010)<sup>20</sup>,

a salvaguarda desses bens, portanto, está orientada para o apoio àqueles que os transmitem e mantêm e, por isso, devem participar ativamente da identificação, do reconhecimento patrimonial e do fomento à sua continuidade e sustentabilidade. A continuidade de expressões culturais imateriais também é fortalecida por meio de ações de difusão do conhecimento produzido ou sistematizado sobre esses bens culturais e, ainda, por meio de sua promoção, inclusive, nos meios de comunicação”.

Outros aspectos são indiretos ao mundo dos Bois, mas acabam influenciando no destino das medidas que, por ventura, imaginamos para por em prática. A consolidação de políticas públicas para manutenção e desenvolvimento das atividades culturais, relacionadas às tradições do Bumba-meu-boi em Maceió, dependem, para sua efetivação, de um quadro funcional estável nos órgãos públicos e, acima de tudo, do fortalecimento do segmento, através da participação dos representantes dos grupos de ‘Bois’ nos Conselhos de Cultura, além de uma gestão pública preocupada com a valorização do segmento, incentivando, por exemplo,

- 4) com a criação de prêmios por atividades realizadas ou projetos inovadores (criativos); poderia oferecer espaço adequado, durante o ano todo, para o

---

<sup>20</sup> SANT'ANNA, Marcia. *A política federal salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. 2010 . Ano 7 . Edição 62 - 23/07/2010 - Edição Especial

desenvolvimento das atividades em torno Bumba-meu-boi e não apenas para a realização do Festival anual;

- 5) com maior agregação valor turístico à manifestação, com ações públicas voltadas ao fortalecimento dos grupos de bois em Maceió, desenvolvendo ações de visibilidade e manutenção dos grupos, como exemplo,
- 6) um circuito de exposições por toda Maceió com os adereços e elementos relacionados ao folguedo, criação de um mecanismo legal para ‘ajuda de custo’ para os brincantes, com a possibilidade de cobrar pelo registro fotográfico das figuras características do Bumba-meu-boi, em locais de grande circulação turística, como na orla dos bairros da Ponta Verde, Jutiúca e Pajuçara, que durante os períodos de alta circulação de residentes e visitantes à cidade e nos finais de semana, são locais tão visitados; criação de produtos locais setorizadamente, relacionados ao folguedo.

Propor um calendário de atividades durante o ano todo, em torno do bumba-meu-boi, estimulando, em âmbito municipal, além da instituição municipal de cultura em Maceió, a FMAC, envolvendo outras instâncias da municipalidade, devido ao seu caráter periférico, social e econômico, desenvolvendo com ações de inclusão do folguedo, por exemplo, na programação de lazer aos domingos na orla marítima; ou nas campanhas de vacinação, como atrativo para crianças, são derivações dessas medidas acima enumeradas, às quais poderão se somar inúmeras outras com o mesmo intuito.

Caso as coisas continuem como estão, em pouco tempo, o número de Bumba-meu-boi em Maceió se resumirá aos participantes da competição no Festival anual, cada ano apresentando enredos e coreografias mais elaboradas para serem vistas, em um espaço que visa unicamente dar visibilidade e suntuosidade “para fora”, isto é, para uma audiência sem o repertório de sua história, de suas características culturais e , especialmente, dos elementos que tornam o Boi, uma parte da identidade cultural da cidade e de seus brincantes. Ao que parece ser, este o diagnóstico mais plausível no momento, a cerca do que o folguedo vem se transformando.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou uma reflexão em torno de um folguedo popular brasileiro, uma manifestação tradicional de grande apelo entre a população de Maceió e em todo Estado de Alagoas: o Bumba-meu-boi.

Iniciamos esta pesquisa observando a origem desse folguedo no contexto mais amplo das tradições populares e folclóricas brasileiras, especialmente percebidas em Maceió; suas similaridades com danças típicas peninsulares, a exemplo da dança dos pretos (considerada a matriz de vários folguedos, cujas temáticas referem-se, de uma forma ou de outra, ao negro) e o seu caminho percorrido durante a colonização brasileira, percebendo os efeitos de seu dinamismo cultural, do seu sincretismo e de suas diversas formas de apropriação por costumes e hábitos locais.

No segundo capítulo, no item 2.2 - Particularidades do Bumba-meu-boi em Maceió, tratamos da influência que o folguedo do Bumba-meu-boi recebeu em Alagoas, devido à sua localização geográfica, pela proximidade com a Bahia e Pernambuco, referências de grandes centros escravistas do Brasil. Ainda sobre o desempenho do folguedo em Maceió, relacionamos relevantes atividades desenvolvidas pela Liga de Bumba-meu-boi de Maceió, a partir da sua criação em 2003.

Continuamos descrevendo as experiências observadas presencialmente a partir das mostras competitivas, dos Festivais de Bumba-meu-boi de Maceió e do incremento público, viabilizado para a sua produção. Podemos comprovar pelas imagens cedidas pelo senhor Luis de Barros, o idealizador dos festivais, com o registro dos primeiros festivais na rua e a diferença em relação ao formato em arena dos eventos mais recentes, especialmente ilustradas neste estudo através das fotografias cedidas pelo Diretor de Produção Cultural de FMAC, Keyler Simões.

A municipalidade de Maceió, por meio de FMAC, em parceria com a UFAL, desenvolve, desde 2013, um trabalho de cartografia cultural, resultando num levantamento de informações a cerca dos grupos culturais, onde se procura entender as dinâmicas sociais relacionadas aos grupos tradicionais, mapeando-os no espaço da cidade e trazendo

informações relevantes com o intuito de instrumentalizar as instâncias públicas para a criação de políticas públicas para o segmento, além de disponibilizar para a sociedade em geral dados importantes sobre os segmentos culturais em atividade na cidade. Com o intuito de demonstrar o funcionamento da cartografia cultural de Maceió, por meio da plataforma digital da cartografia, apresentamos imagens sobre as possibilidades oferecidas ao público para pesquisa e interação com a municipalidade.

Finalizamos o trabalho propondo uma reflexão a respeito dos entraves sociais e econômicos relacionados aos Bumba-meu-boi, vivenciados pelos brincantes em Maceió, apontando proposições para a gestão pública de cultura. O propósito é o de desenvolver programas duráveis e efetivos, com foco na valorização destes grupos da cultura popular, que representam tão forte sentimento entre os segmentos populares de maceioenses, e que acreditamos também poderem ser instrumentalizados para operar como fonte de cidadania cultural, ou seja, de inclusão social através do reconhecimento social dessas manifestações.

Apresentamos uma reflexão sobre os caminhos que o Bumba-meu-boi vem seguindo em Maceió, apontando o caminho da legitimação do folguedo, por meio de um plano de salvaguarda, como forma do Estado garantir as condições de reprodução e transmissão, para as futuras gerações, das tradições vivenciadas e informações dos 'Bois'.

Preocupando-nos com o destino dos grupos de bumba-meu-boi de Maceió e com as transformações que o folguedo adotou após o advento do Festival, ao final da pesquisa, diagnosticamos que em Maceió o folguedo demonstra alterações no formato espontâneo da brincadeira de rua, transformando parte de suas características tradicionais na apresentação de enredos e coreografias cada ano mais sofisticados. O que parece-nos ser uma característica preocupante caso não ocorram intervenções de políticas culturais que resguardem determinadas características que estão na base daquilo que faz a diferença local dos Bumba-meu-boi em Alagoas e em Maceió.

Fundamentamos, por fim, proposições efetivas, envolvendo diferentes setores da gestão pública, relacionando o incremento dos grupos de bumba-meu-boi, em observância ao reconhecimento cultural e geração de oportunidades socioeconômicas para os envolvidos com o folguedo.

**REFERÊNCIAS**

ANDRADE, Mário. *Danças dramáticas brasileiras*. Edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

BARROSO, Gustavo. *Ao Som da Viola (folclore)*. 22ª Edição. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa, 1949.

BOSI, Ecléa. “Entre a opinião e o estereótipo”. In *Novos Estudos* Nº 32 Março, 1992. p. 111-118.

BRAGA, Teófilo. *O Povo Português e seus Costumes, Crenças e Tradições - III*. Braga: Edição Vercial, 2012.

CÂMARA CASCUDO, Luis da. *História da Literatura Brasileira*. Vlo.VI. Literatura Oral. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

CARVALHO, Rodrigues de. *Cancioneiro do Norte*. 2ª Edição. Paraíba do Norte: Typografia da Livraria São Paulo, 1928.

COSTA, Amanda Gabrielle de Queiroz. Democratização de políticas culturais - da intenção de Aloísio Magalhães à salvaguarda do Patrimônio Imaterial (1975-2001). Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho, 2011.

DUARTE, A. *Folclore Negro das Alagoas* - . 2ª edição. Maceió: Edufal, 2010

FERREIRA, Heridan de Jesus Guterres Pavão. “Entre o Profano e o Sagrado: Práticas Religiosas que Sacralizam o Bumba-meu-boi”. Trabalho apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e (Des) Igualdades. Salvador, 7 a 10 de agosto de 2011, UFBA. PAF I e II. Campus de Ondina.

FERREIRA, Juca. *Resgate do Papel do Estado*. Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil. P. 9 Ministério da Cultura, Brasília, 2006.

FRANÇA, Ranilson. *Arte Popular de Alagoas*. In; PEDROSA, Tânia de Maya (Org.) *Arte Popular de Alagoas* (2000).

GOMES, Célia Conceição Sacramento. “Os Festejos nas Comunidades Tradicionais: Ritualizações, Religiosidade e Formas de Sociabilidade”. In *Seminário Internacional*

*Acolhendo as Línguas Africanas: africanias, imagens e linguagens – IV SIALA*. Salvador – Bahia. Agosto 2012.

LIMA, Carlos de. “Boi de Zabumba”. In *Comissão Maranhense de Folclore*. Boletim nº 5. São Luis, 1996.

LUCENA, Giselle e BARROS, José Marcio. *Diversidade Cultural e Conselhos de Cultura: Uma Aproximação Conceitual e Empírica*.

MATSUURA, Koichiro. Prefácio. Informe Mundial sobre a Cultura: diversidade cultural, conflito e pluralismo. P.6. São Paulo: Moderna; Paris: UNESCO, 2004.

PNAD - *Comunicado do Ipea nº 66 sobre os primeiros resultados da pesquisa Situação da Educação Brasileira: avanços e problemas*. Brasília, Ipea, 18.11.2010.

PUGET, Gentil. *Folclore Amazônico*. In *Cultura Política*, S.r.l.: s.r.e., s/d.

RIBEIRO, Alba Christina. *Revista Conterrâneos*, nº 41. p. 21 – 25, março/abril 2013 – Edição Bimestral. Fortaleza – CE.

SANT'ANNA, Marcia. *A política federal salvaguarda do patrimônio cultural imaterial*. 2010 . Ano 7 . Edição 62 - 23/07/2010 - Edição Especial

VIEIRA, Frei Domingos. *Dicionário Abreviado de Chorographia*. Vol. I. Secção III – Das Formas Dramáticas. Portugal: s.e.r., 1871, p. 242 e seguintes.

### **Sites consultados:**

<<http://www.alagoas24horas.com.br>> Acesso em 10.10.2014

<<http://www.alagoas24horas.com.br>> Cultura 19h00, 29.02.2012. Acesso em 28.10.2014.

<<http://www.alagoas24horas.com.br>> Cultura 19h00, 11h00, 20.11.2012, em 28.10.2014.

<<http://www.fascinioegito.sh06.com/boiapis.htm>> Boi de Ápis. Acesos em 22.07.2014.

<<http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/agenda-cultural/2012/02/08>> Acesso em 28.10.2014

<<http://cadaminuto.com.br/noticia/257346/2014/10/09>> Bumba-meu-boi, circo e teatro de bonecos na semana da criança. Acesso em 28.10.2014.

<<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfKMMAA/papel-gestor-publico-artigo>> O papel do administrador na gestão pública .Cristiane Botezini Albarello Acesso em 23/07/2014.

<<http://www.folclore.net.br/Bumba-meu-boi.php>> Bumba-meu-boi - Festa do folclore brasileiro. Acesso em 23.07.14.

<<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/04>> Festival de bumba-meu-boi é atração na praça Multieventos em Maceió. Acesso em 15.11.2014

<<http://www.obrasileirinho.com.br>> Origem do primeiro gado do Brasil. Acesso em 28.10.2014.

<<http://www.maceio.al.gov.br/cmpe>> Conselheiros Jose Carlos. Acesso em 28.10.2014.

<<http://www.minho.com.br/index.php>> Festas típicas. Acesso em 01.11.2014.

<<http://www.mundoestranho.abril.com.br>> Matéria: qual é a origem do bumba-meu-boi e o que ele representa. Acesso em 28.10.2014.

<<http://pt.wikipedia.org>> Acesso em 20.10.2014.



**6**

**ANEXOS**

## **Anexo I**

Fotografias dos primeiros festivais de Bumba-meu-boi de Maceió



Fotografia pertencente ao acervo particular de Luis de Barros

## **Anexo II**

Fotografias do 22º festival de Bumba-meu-boi de Maceió

(Fotografias pertencentes ao acervo particular de Keyler Simões)







## **Anexo III**

Entrevista com Luis de Barros

**Entrevista com senhor Luís de Barros, idealizador e primeiro promotor do festival de Bumba-meu-boi de Maceió, realizada no dia 13/11/2014, às 16 horas, no bairro da Jatiúca, em Maceió – Alagoas.**

Abaixo, as questões abordadas e respectivas respostas:

**1. Quando surgiu o Festival de Bumba-meu-boi de Maceió?**

Resposta: “Há 22 anos, em 1992, foi realizado o 1º Festival de Bumba-meu-boi de Maceió, no Centro Social Urbano Osman Loureiro, situado a Rua José Maia Gomes, s/nº, bairro da Jatiúca, onde hoje funciona o CAPS Dr.Rostan Silvestre. Na ocasião, foram apenas 05 grupos de bumbas meu boi a se candidatarem a participar da disputa”.

**2. Por que o senhor teve a ideia do Festival?**

Resposta: “Pelo fato de eu ser radialista e programador de auditório, já participei como locutor (chamador) de inúmeras quadrilhas, pastoris e outros festivais culturais, daí surgiu a ideia de fazer um Festival para incentivar o Bumba-meu-boi e divulgá-lo. Desta forma, estimular a formação de novos grupos em outros bairros da cidade, visando participar do Festival. O Bumba-meu-boi atrai muito as crianças, passando, assim, para novas gerações, o gosto pela tradição cultural que o ‘Boi’ representa.”

**3. Como era a organização? Tinha jurado (comissão julgadora)?**

Resposta: “Sempre teve pessoas convidadas a fazer parte da comissão julgadora, para escolher os grupos, os vencedores. Eram escolhidas pessoas envolvidas com a cultura para o julgamento, nunca botei por ter ‘nome ou parente importante’. Os grupos que demonstrassem melhor desempenho e harmonia, durante sua apresentação no Festival, eram premiados em dinheiro e troféus. Tinha as categorias para o julgamento dos grupos de Bumba-meu-boi: mirim e adulto, com o tempo a categoria mirim desapareceu e as crianças passaram a participar dos grupos junto com os adultos.”

**4. Os prêmios eram bancados por quem?**

Resposta: “A Prefeitura de Maceió desde os primeiros festivais entrou com troféus e dinheiro para premiações. Também havia prêmios extras, como por exemplo, bicicletas, doados por empresas privadas. Sempre o patrocínio veio da Prefeitura, nunca tivemos patrocínio do Governo do Estado”.



## **5. Que o senhor pensa sobre o desenvolvimento do Festival?**

Resposta: “É um motivo de alegria ver o desenvolvimento de um trabalho que ninguém, em princípio, teve coragem de fazer. O sucesso do Festival hoje em dia, para mim, é comparável à árvore que se plantei uma mudinha e, todos, colhemos os frutos. É uma satisfação assistir a grandiosidade em que se transformou o Festival que iniciei anos atrás. Podemos dizer que o Bumba-meu-boi está colhendo frutos maravilhosos. A Liga de Bumba-meu-boi de Maceió deu continuidade aos meus trabalhos, que devido a minha idade avançada, me afastei da coordenação, que por 13 anos estive a frente. Passei para novas gerações a responsabilidade de organizar o Festival”.

## **Anexo IV**

Entrevista com Eugênio Vilela

**Entrevista concedida no dia 27.10.2014, às nove horas, com o senhor Eugênio Vilela, Presidente da Liga do Bumba-meu-boi de Maceió no período de 2011 a 2013, membro do Conselho Internacional das Cidades do Samba e Carnaval e, atualmente, atua como coordenador de produção da FMAC.**

Abaixo, as questões abordadas e respectivas respostas:

**1. Como você percebe o impacto do crescimento do Festival de Bumba-Meu-boi de Maceió?**

Resposta: “Esse o Festival que todos os bois sonharam.” A estrutura oferecida pela Prefeitura de Maceió faz com que os participantes dos grupos de bumba-meu-boi se sintam valorizados, prestigiados. E o aumento do público (plateia) comprova realmente como o Festival cresceu nos últimos anos”.

“Devido à rivalidade na saída dos grupos nos bairros era necessário, até 2011, se pedir permissão para passar. Caso não fosse dada, muitas brigas, facadas, foram constatadas. Hoje em dia isso mudou, existe uma parceria entre os grupos, onde um ajuda o outro no corte por exemplo do tecido. Cresceu muito o número de crianças, filhos das lideranças dos bois, são vaqueiros. As mulheres ajudam a enfeitar o boi, a maioria delas compõe as coreografias apresentadas. Até hoje muitos grupos adotam ainda o homem vestido de mulher do vaqueiro. As torcidas organizadas dos bois, se vestem com a camisa do boi, colocam a faixa e ficam tocando e cantando enquanto o boi se apresenta.”

**2. Qual(is) mudança(s) significativa(s) você pode citar em relação ao Festival?**

Resposta: “Alterou os dias de apresentação no Festival, inicialmente no sábado e domingo, para sexta e sábado, devido ao alto índice de violência verificado no domingo, provavelmente por conta da ingestão de bebidas alcoólicas no dia de praia”

### **3. Qual(is) a(s) crítica(s) em relação ao Festival?**

Resposta: “Identifica-se a falta de identidade nos temas apresentados pelos grupos, variando entre “Xuxa” até “A corte de Luis XVI, precisaria de capacitação (oficinas) para que os participantes valorizassem as tradições do ‘Boi’ e os mestres fossem incentivados para passar seus conhecimentos para os mais jovens”.

### **4. Qual(is) a(s) medidas adotada(s) pela gestão pública com relação ao Bumba-meu-boi?**

Resposta: “A participação dos Bois a partir da atual gestão municipal de cultura em Maceió, em 2013, no Giro dos Folguedos, no Bairro Vivo, no Lazer da Praça e no Concerto Natalino de 2013. Também nos festejos de carnaval, a Prefeitura dedicou um dia para os desfiles relacionados às tradições negra, a Segunda do Axé, onde a praça lotou com o cortejo cultural formado pelos Bois, Afoxés, Maracatus e Bonecos de Carnaval, em 2014”.

“Também participou do projeto Xangô Rezado Alto em 2011, 2013 e 2014, inicialmente realizado pela UNEAL e no último ano pela FMAC”